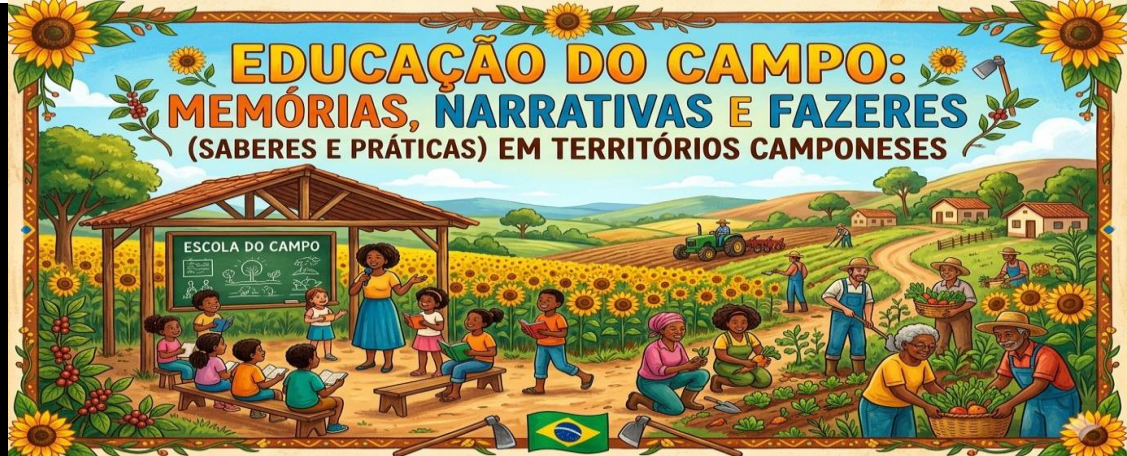




ESCOLAS DO CAMPO E CONSTRUTORES DO FUTURO

FIELD SCHOOLS AND BUILDERS OF THE FUTURE

Roseli Salette Caldart

Setor de Educação do MST/Fórum Nacional de Educação do Campo (FONEC)

roselicaldart@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-6840-5303>

RESUMO: O texto refere-se ao diálogo ocorrido na Mesa sobre currículo e didáticas nas escolas do campo.

PALAVRAS-CHAVE: Educação do/no campo. Territórios. Saberes. Práticas.

ABSTRACT: The text refers to the dialogue that took place at the Roundtable on curriculum and teaching methods in rural schools.

KEYWORDS: Education in/of the countryside. Territories. Knowledge. Practices.

Agradeço o convite para tomar parte desse Encontro¹ e saúdo com muito respeito e afeto a cada educadora, cada educador presente que valoriza e se dispõe a persistir sempre em seu processo de formação, superando os obstáculos postos pela realidade social atual ao seu *insubstituível trabalho humano de educar*. Parabéns por chegarem até aqui.

Relembro de partida que neste ano de 2024 completamos 26 anos da Educação do Campo como luta organizada coletivamente com a finalidade primeira de garantir o acesso das comunidades camponesas à escola pública em seus territórios. E construídas política e pedagogicamente como parte orgânica das relações que os constituem.

¹Exposição realizada no dia 1º de outubro 2024 no II Encontro Estadual de Educadoras e Educadores do Campo Potiguar (30/09 a 2/10/2024), a convite do Núcleo de Educação do Campo e Diversidade (NECAD) da Secretaria de Estado da Educação do Rio Grande do Norte. Mesa sobre currículo e didáticas nas escolas do campo.

Revista Interseção, Palmeira dos Índios/AL, v. 9., n. 1, jun. 2026, p. 11-19.

ISSN 2675-5955

DOI: 10.48178/intersecao.v9i1.753

Seguimos com o desafio de ampliar cada vez mais o círculo da Educação do Campo, incluindo toda a diversidade camponesa que produz a vida social no campo: indígenas, quilombolas, pescadores, extrativistas, agricultores familiares, assentados de reforma agrária... Vida que se produz na terra, nas águas, nas florestas, e que precisa ser cultivada e fortalecida pelas nossas ações de luta e construção.

Precisamos avançar juntos e com mais força na conquista e preservação das escolas públicas no campo e do campo. Escolas que sejam tratadas como um *bem social comum*: são de todos e devem servir ao bem de todos. Não são propriedade do Estado, dos governos ou de empresas. São do povo, devendo ser construção social e pedagógica dos diferentes sujeitos que no dia a dia fazem essas escolas, garantindo que essa construção se realize na direção do bem comum. A escola não é um “negócio”, a educação não é mercadoria. É *direito nosso, dever do Estado e compromisso ativo de cada comunidade*.

O tema desta Mesa é o currículo das escolas do campo e começo a tratá-lo aqui com a estrofe de uma das canções de *Gilvan Santos*, piauiense, nosso grande companheiro poeta da Educação do Campo:

*Eu quero uma escola do campo
que não tenha cercas
que não tenha muros
onde iremos aprender
a sermos construtores do futuro...*

“Construtores do futuro” é o título dessa canção, que foi criada durante um processo de formação de educadores em 2005, um curso de Especialização em Educação do Campo. Ela bem pode ser considerada um hino das escolas do campo, pelo tanto que tem acompanhado nossas práticas Brasil afora.

Início dessa forma por dois motivos. Primeiro para fazer uma homenagem a *Gilvan* e a todos os/as poetas que conseguem verter nossas lutas e nossa construção pedagógica em *poesia*, fazendo dessa arte sua ferramenta própria de participar delas.

Segundo porque a canção toda é uma belíssima síntese poética que nos ajuda a responder a questão que me ajudou a organizar esta exposição: *o que o acúmulo*

político-pedagógico da Educação do Campo nos diz sobre como pensar o currículo das escolas do campo e as didáticas necessárias para sua realização?

Sem pretender esgotar a questão, busquei ensaiar uma resposta seguindo a canção de Gilvan. Sintetizo este ensaio aberto em cinco pontos:

(1º) *Queremos uma escola “onde iremos aprender a sermos construtores do futuro”.*

Esse dizer da canção nos remete a um dos grandes aprendizados do nosso percurso em comum: é preciso sempre discutir e construir coletivamente as *finalidades educativas da escola*. Isso vale para a escola em geral, as escolas do campo, nossa escola. *Para que fazemos nosso trabalho de educar?* Essa questão é básica porque “as questões da educação mudam de acordo com os objetivos da educação” (Krupskaya).

Finalidades educativas se referem à direção consciente que se busca dar à formação humana nas diferentes ações ou processos pensados para educar. Toda ação educativa se realiza a partir de finalidades sociais e formativas. Quando não são discutidas coletivamente é porque alguém ou em outro lugar elas foram definidas. Pensar nas finalidades educativas da escola é pensar em finalidades gerais de formação humana que a escola ajuda a realizar e que precisam ser moduladas pelas exigências da *atualidade* e pela compreensão dos processos formativos e das necessidades educativas dos sujeitos concretos com os quais trabalhamos.

As finalidades educativas da escola se referem à *função social da escola*: qual nossa posição sobre o papel da escola na sociedade? Queremos ajudar a formar “construtores do futuro”? E o que isso quer dizer hoje? Ajudar o capitalismo em crise, cada vez mais destrutivo e insano em sua lógica de produção e vida social a ter ainda algum futuro, ou ajudar a formar *lutadores* e *construtores* de uma nova forma de sociedade? No campo, queremos trabalhar para adiar o fim do agronegócio que mata, desmata, depreda ou trabalhar para fortalecer a agricultura camponesa agroecológica que preserva as diferentes formas de vida e produz alimentos saudáveis? E no território em que nossa escola está inserida, o que significa aprender a construir o futuro?

As finalidades também se referem ao que pretendemos da *formação humana* de cada estudante e de cada educadora e educador: queremos ajudar a formar seres

humanos passivos, alienados e sem visão de futuro ou ativos, criativos e felizes por saber que podem construir o futuro da humanidade? Que dimensões e processos formadores do ser humano precisam de uma intencionalidade pedagógica mais forte diante das necessidades formativas de nossas educandas, educandos? E quais as possibilidades educativas do meio em que vivem diante das exigências postas pela atualidade?

A questão das finalidades precede, portanto, a discussão sobre currículo, didáticas, avaliação. A pergunta a responder passa a ser: que currículo é necessário para realizar as finalidades educativas da escola? Que didáticas esse currículo exige? Que formas de avaliação permitem o avanço do processo formativo de nossos/nossas estudantes?

(2º) Queremos “uma escola do campo que não tenha cercas / que não tenha muros” / “onde esteja o ciclo da nossa semente / que seja como a nossa casa / que não seja como a casa alheia”.

São versos que nos ajudam a pensar imaginando e imaginar pensando uma forma de escola aberta, que se interliga com a vida, natural e social, que acontece ao seu redor e flui dentro dela, pela força da materialidade dos territórios em que a educação se faz, com seus sujeitos diversos e suas relações entre si e com a natureza de que fazem parte. Escola que presta atenção aos problemas da comunidade e que atua para que ela se torne um sujeito ativo de sua construção.

E pensemos como é forte essa afirmação de que a escola não pode ser sentida por estudantes, educadoras e educadores como “casa alheia” e sim como *sua casa*. Isso nos remete a uma das primeiras tarefas educativas essenciais da escola que é *acolher o ser humano em formação* que adentra a ela². Sempre e a todos por igual. Acolhimento humano, social. Cada estudante, cada educador precisa se sentir “em casa” quando está na escola, ou seja, precisa *sentir* que pertence a esse lugar porque ali pode ser o que é, porque também ali sua vida se faz.

Mas, a *quem* cabe a tarefa educativa de acolher? Às educadoras, aos educadores? E quem os acolhe ou não precisam também ser acolhidos? Nosso acúmulo de práticas na Educação do Campo nos mostra que essa tarefa não tem

² No livro “Sobre as tarefas educativas da escola e a atualidade” (Expressão Popular, 2023) essa é a primeira tarefa de que tratamos. Cf. cap. 1, p. 65-82.

Revista Interseção, Palmeira dos Índios/AL, v. 9., n. 1, jun. 2026, p. 11-19.

ISSN 2675-5955

DOI: 10.48178/intersecao.v9i1.753

como ser de uma pessoa ou mesmo de um coletivo de educadores. É a materialidade da escola que precisa ser organizada como um *ambiente educativo* que acolhe e ao mesmo tempo transforma cada pessoa. Tempos, espaços, relações que acolhem a todos, educandos, educandas, educadoras, educadores todos se abrindo para identificar em si o que precisa ser fortalecido e o que precisa ser transformado, superado.

Destaque-se: para acolher é preciso conhecer não apenas a expressão individual de cada pessoa e sim o todo das vivências sociais que a fazem ser como é. O *inventário da realidade* é uma ferramenta pedagógica que tem se mostrado potente nessa direção.

(3º) *Queremos “uma escola do campo que tenha a ver com a vida, com a gente / querida e organizada / e conduzida coletivamente”.*

Se nos sentimos parte de um lugar temos disposição de ajudar a construí-lo, preservá-lo, transformá-lo para que tenha uma forma que ajude a melhor levar nossa vida adiante. Então encontramos motivos para enfrentar as contradições e tensões próprias da condução coletiva de processos vivos.

A escola é lugar de aprender experimentando o que é a vida social organizada coletivamente. Formação indispensável para lutadores e construtores de um futuro que confronte o que no presente nos impede de ser humanamente mais plenos e felizes.

Uma escola *organizada e conduzida coletivamente*. Onde se exercite de modo vivo e real a auto-organização das educadoras, educadores, a auto-organização dos/das estudantes. Onde se cultive a relação com organizações coletivas do entorno, se desenvolvam habilidades e hábitos organizativos e se aprenda a participação social e tomada de posição política: saber de que lado se está, nas lutas e grandes questões da humanidade hoje. Uma escola onde se cultive uma postura ética com parâmetros de sociabilidade justa e saudável. Isso tudo envolve relações a intencionalizar, vivências a planejar.

(4º) *Queremos “uma escola do campo que não enxergue apenas equações / que tenha como ‘chave mestra’ o trabalho e os mutirões”. “Onde o saber não seja limitado / que a gente possa ver o todo / e possa compreender os lados”.*

Com esses versos o poeta nos convoca a pensar em uma especificidade muito importante das tarefas educativas da escola: o trabalho pedagógico com o conhecimento, visando uma compreensão cada vez mais alargada e profunda da realidade, natural e social. Aprender a ver o todo. Aprender a ver cada parte no todo e o todo em cada parte.

E é a realidade viva que precisa ser entendida como *atualidade*, isto é, como totalidade de conexões que constituem os diferentes fenômenos ao nosso redor e as relações entre o que está mais próximo, no tempo e no espaço e as transformações históricas da vida social na região, no país, no mundo, no planeta. Compreender a atualidade é essencialmente apreender as contradições que movimentam a vida social concreta e sobre as quais é possível e necessário agir conscientemente.

A complexidade da vida, natural e social, é portanto o nosso grande objeto de estudo: que conhecimentos nos são necessários para compreender e agir conscientemente e organizadamente sobre as diferentes dimensões e movimentos da vida? Os conteúdos que temos trabalhado na escola levam a esses conhecimentos, a essa compreensão?

E nesse tempo com tanta energia desperdiçada com avaliações externas que se fazem alheias à vida que pulsa na escola, vale associar o verso de Gilvan “uma escola que não enxergue apenas equações” com o dizer de um cientista famoso, o físico alemão Albert Einstein (1879-1955), o que desenvolveu a teoria da relatividade, bem acostumado a cálculos, medidas e equações: “*Nem tudo que conta [na vida] pode ser contado e nem tudo que pode ser contado [medido] conta*”.

Quando nos acomodamos a uma forma de currículo que se reduz a conteúdos que podem ser contados/medidos nos testes de avaliação externa, padronizados, plataformizados, unilaterais, estamos cometendo ou sendo cúmplices de um crime contra o ser humano de nossas crianças, jovens e adultos. Isso é muito grave! A vida não nos perdoará se não confrontarmos esse descabro da política educacional atual. Enquanto há tempo.

Percebam também que Gilvan traz o *trabalho* no verso em que trata dos saberes, do conhecimento. Por quê? Possivelmente por ser esse um aprendizado fundamental não só da Educação do Campo e sim de toda tradição pedagógica com

finalidades sociais emancipatórias: ter o princípio formativo do trabalho como guia educativo, tomando o trabalho vivo como método de estudo na escola.

Na Educação do Campo temos defendido que as novas gerações possam exercitar o trabalho em sua forma essencial, de interação (relação metabólica) entre ser humano e natureza visando produzir valores de uso social, ou seja, produzir bens que atendam a necessidades humanas reais, naturais ou socialmente construídas. Essa vivência além de permitir a compreensão do que precisa ser transformado, superado na forma capitalista de trabalho, baseada na exploração e cada vez mais na destruição das forças produtivas vivas, nos dá uma “chave mestra” para entender todas as coisas do mundo. Tudo que existe contém em si trabalho acumulado. Trabalho natural ou social, humano³.

Não temos como construir o projeto educativo das escolas do campo sem discutir coletivamente sobre o lugar do trabalho nesse projeto e em um currículo que lhe corresponda. Sem entendermos porque e como a inserção dos/das estudantes em processos vivos de trabalho social precisa estar no currículo das escolas do campo. Nos debates atuais da Educação do Campo a conexão da escola com processos vivos de *produção camponesa agroecológica* tem sido pensada nessa direção.

(5º) Pensar o currículo como um plano de vida e as didáticas como jeitos de realizá-lo.

A Educação do Campo pensa o currículo, portanto, indo muito além de listar conteúdos de ensino a serem seguidos ou “competências” a serem atingidas sem que se saiba para que. Um currículo, com esse ou outro nome que lhe dermos, precisa ser tratado como um *plano de vida escolar* (Pistrak) que realiza a formação humana no todo do ambiente educativo da escola, a partir de finalidades sociais e formativas discutidas e assumidas coletivamente, conscientemente.

E porque a educação que deve acontecer na escola envolve diferentes dimensões e processos, esse plano que visa à formação humana exige apropriação e criação de diferentes didáticas ou métodos pedagógicos: as didáticas necessárias para ensinar matemática ou aquelas para ensinar geografia não são as mesmas da educação dos sentidos para criação artística, que por sua vez não são as mesmas

³ Desenvolvo essa questão no livro “Sobre as tarefas educativas da escola, especialmente ao tratar das tarefas relacionadas às vivências de trabalho socialmente necessário (p. 83-120) e a um modo de estudar que garanta a apropriação das bases da ciência (p. 245-300).

Revista Interseção, Palmeira dos Índios/AL, v. 9., n. 1, jun. 2026, p. 11-19.

ISSN 2675-5955

DOI: 10.48178/intersecao.v9i1.753

para chegar a aprendizados organizativos e à capacidade de trabalhar em cooperação...

Cada dimensão formativa, cada ação educativa tem objetivos particulares que desdobram as finalidades e tarefas educativas gerais da escola. E exige didáticas ou métodos específicos que precisam ser discutidos e lapidados no dia a dia do trabalho coletivo de educadores em cada escola, na sua entre-ajuda, na relação com a comunidade e em diálogo com a teoria social e pedagógica que permite compreendê-las com mais rigor.

E sem esquecer que o currículo da escola é, sobretudo, um *plano de estudos* e pensado para além dos planos de ensino. Isso quer dizer que todas as atividades, processos devem provocar nas crianças e jovens “uma necessidade de alguma forma dirigida ao conhecimento” (Pistrak).⁴

Finalizo chamando nossa atenção: somente ajuda a formar construtores do futuro como lutadores e construtores de uma vida mais plena em comum, educadoras e educadores que se formam nessa direção! Não deixemos nós de lutar por uma formação “que tenha a ver com a vida, com a gente”, uma autoformação, “organizada e conduzida coletivamente”. Com finalidades sociais e educativas discutidas conosco e por nós, de modo que essa formação nos ajude a honrar nosso trabalho social de educar e nos prepare para combater com firmeza e perseverança tudo que desonra a vida de todos. Porque outro poeta nos lembra: “Viver não é o mesmo que honrar a vida” (Eladia Blazquez, canção “Honrar a vida”).

Abaixo segue o todo da canção “**Construtores do futuro**” de Gilvan Santos. Cantemos. Sentindo, pensando, estudando!

Eu quero uma escola do campo
Que tenha a ver com a vida, com a gente
Querida e organizada
E conduzida coletivamente

Eu quero uma escola do campo
Que não enxergue apenas equações

⁴ Cf. na obra “Fundamentos da Escola do Trabalho”, Expressão Popular, 2018, p. 149. Revista Interseção, Palmeira dos Índios/AL, v. 9., n. 1, jun. 2026, p. 11-19. ISSN 2675-5955 DOI: 10.48178/intersecao.v9i1.753

Que tenha como “chave mestra”

O trabalho e os mutirões

Eu quero uma escola do campo
Que não tenha cercas que não tenha muros

Onde iremos aprender
A sermos construtores do futuro

Eu quero uma escola do campo
Onde o saber não seja limitado
Que a gente possa ver o todo
E possa compreender os lados

Eu quero uma escola do campo
Onde esteja o ciclo da nossa semente
Que seja como a nossa casa
Que não seja como a casa alheia.



Este trabalho está licenciado sob uma licença [Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/).